

504 4102.05
New York

O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

CARTA MUI RESPEITOSA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

EM QUE SE FALLA DE TODOS E DE MUITAS PESSOAS MAIS

POR

AMARO MENDES GAVETA

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

POR GAVETA MENDES AMARO

10, 5-80

LISBOA

IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1866

O MAU-SENSO E O MAU-GOSTO

CARTA MUI RESPEITOSA

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

EM QUE SE FALLA DE TODOS E DE MUITAS PESSOAS MAIS

POR

AMARO MENDES GAVETA

COM UMA

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

POR GAVETA MENDES AMARO

LISBOA

IMPRESSA DE J. G. DE SOUSA NEVES

17 — Rua do Caldeira — 17

1866

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.
June 23, 1924

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

Ahi vae correr mundo esse retalho,
Com que o Amaro Mendes seu bedelho
Quer metter na questão, que o grão conselho
Da litt'ratura traz todo em trabalho:

Se acaso tropeçar eu não lhe valho,
Porque, além de egoista sou já velho;
E o mau-gosto e o mau-senso é um espelho,
Em que mil vezes a mirar-me encalho.

Cavaco preambular é à Castilho!
Se acaso fallo do author pimpolho,
É c'o meu nome que farei barulho,

Quero vêr se nas aguas turvas pilho,
Se, inda em vida, de gloria uns grelos colho,
E a tola post'ridade assim empulho.

1—1—66.

GAVETA MENDES AMARO.

Cantava um grilo
Perto d'alli
E ouvindo aquillo
Isto escrevi.

CARTA

Illustrissimo senhor!

— Desculpe, tenha paciência!
Se lhe não dou excellencia,
Por me não caber no verso,
Mas com toda a reverencia
Aqui estou ao seu dispor. —

Quiz o destino perverso
Que da porta do quintal
Ouvisse bradar á lerta,
Tocar na praça a rebate!
(Aqui a tolice é certa!
Rebate na praça é, creio
Um calembourg commercial!)

Então de denodo cheio
Ao mais vivo do combate
Corro.... co'as armas na mão,
Não é espada, nem lança,
É mais um folheto novo,
Que ao mar da luz se abalança,
Para elucidar o povo
N'esta insolita questão,
E vender.... como é de usança
Pelo modico tostão!

I

Surgiu nas margens amenas
Do Mondego de cristal
A escola, que bebe apenas
Do puro.... do ideal!
Aquillo é como a piteira,
— Se n'isto ninguem se offende—
Mas ou dizem muita asneira
Ou então.... ninguem entende!
Cá a gente pequenina,

Que de tal dóze não usa,
 Entre phrase tão confusa
 Não percebe patavina,
 Costumada á phrase chã.

É papa d'aquella egreja
 O tal Theophilo Braga,
 Que, comquanto esperto seja,
 É em verso suave e fluente,
 Parece mesmo uma praga
 C'o a philosophia allemã;
 E na prosa enrevezada
 É qual velha arrebicada,
 Sem carmim e sem crescente
 Em toilette de manhã!

Junto d'elle está o Anthero,
 Cujo talento venero....
 E os disparates tambem!
 Do *infinito veste a estola*
 E sobre o mundo patola
 Lança então a *bençam-vida*,
 Ou qualquer coisa par'cida,
 Que não percebe ninguém!

Formava a triologia
 D'esta triade hominal
 (Isto ou é philosophia,
 Ou tolíce sem egual!)

Membro da theocracia
 C'o Theophilo e Quental,
 Um tal Vieira de Castro,
 A quem luz hoje outro astro
 E lhes foi passando o pé!
 Transfuga já d'essa escola
 Que do bom senso em offensa
 Um guindado estylo engrola,
 Se inda hoje tem par'cença
 P'r'o que foi, já nada é!

Para supprir esta falta,
 Que tem o num'ro symbolico,
 Eis que d'um canto lhes salta,
 Com o seu nome estrombolico
 Um tal Elmano da Cunha,
 Que a penna valente empunha

E com grão denodo briga
 Pelo Anthero!... Oh! acção feia
 D'um genio fero e.... alpestre
 (A tanto a rima me obriga!)
 Procura o discip'lo o mestre
 — Não sei se depois de ceia —
 E, antithese de Pedro e Christo,
 (Quando ainda penso n'isto
 O meu pasmo sobe ao triplo!)
 Renega o mestre o discip'lo
 Com desdem ingrato e cru,
 E sem dó nem consciencia,
 Tendo em mira a excellencia,
 Nem quer que o trate por tu!

Ai! pobre Elmano da Cunha!
 Apanha o pião á unha!
 E n'outra não cáias mais!
 N'este symb'lo barafusta,
 E aprende á tua custa,
 Que defender os quintaes
 É só bom p'ra os cães rafeiros,
 Gansos, gosos, fraldiqueiros,
 E outros quaesquer animaes!

II

«Entre a mystica symbolica
 Da esthetica anti-harmonica
 Renega a formula plastica
 A harmonia cacophonica,
 E vibrando a corda elastica
 Do symbolo d'harpa eolia,
 Que faz no ouvido uma colica
 Nas rapidas leis da acustica
 Á sombra da magnolia,
 Revestindo as fórmas hymnicas
 De melodias angelicas,
 Consubstancia-se rustica
 Nas antistrophes hegelicas
 Das rapsodias as mais cynicas...»
 Da poesia o incendio lavra
 Já no meu peito.... cedi

À harmonia que escalavra
 Os ouvidos e o miolo...
 É sublime... mas... palavra!
 Ou sou philosopho ou tolo
 Já não sei o que escrevi!!
 Foi o Theophilo Braga
 Que me rogou esta praga!!

«Infinito! oh o infinito
 E' a sagrada pyramide
 Que tem o orbe por Egypto!
 Oh! é o immenso apito
 Em que o Deus, trajando a chlamyde
 De harmonias e de flamma,
 Aos mortaes do empyreo chama
 A acudir ao sacro fogo ...
 Como o Correia de Barros
 Chama os gallegos masmarros,
 Que prestes acodem logo
 Aos loques do seu apito...
 Que julgo que é pequenito!...
 A poesia é o oceano,
 O ideal uma falua,
 Que no infinito fluctua,
 É na qual então embarca
 Anthero, Dante, Petrarcha,
 O Theophilo e o Elmano,
 Buscando as praias do ceu!...
 Em torno ruge-lhe embora
 A *tempestade sonora*
 (Asneira que eu não entendo,
 Nem o proprio author tambem)
 Mas ao pavor não me rendo,
 Porque ao leme cá vou eu,
 Palinuro das carreiras
 Populares, domingueiras
 De Cacilhas e Belém.»

Eis aqui o infinito!
 Não entendem? inda mal!...
 Pois me parece descripto
 Mesmo á moda do Quental.

III

Agora nós! vate illustre,
Que nos outros dás ás cegas,
Que manchas o proprio lustre
Com coisas muito piegas!...

Eu tenho dentro do peito
Altar de immenso respeito
P'ro Ovidio portuguez;
E se te digo a verdade,
E' só por sinceridade
Não é por mal! bem o vês!

Em ocio santo dormia
Essa escola coimbrã,
Abraçada á poesia
Nebulosa e allemã;
Quando tu de máus humores
Acordaste uma manhã,
E quizeste aos scismadores
Roubar as modestas flores
D'uma gloria estulta e vã:
Sem veres d'alma c'o olho,
Que, plantado n'um quintal
Ou ha couves, ou repolho,
Ou alface.... ou um nabal!

Do pomo cae a discordia;
Recebe a satyra e morde-a
De raiva.... e orgulho fero
O nosso modesto Anthero,
Que ergue a mão do seu trabalho,
Levanta a cabeça e diz....
—Ao mestre não soffro ralho....
Sou senhor do meu nariz!...
E quando d'elle discordo,
Arranho-o, atiro-lhe e mordo!...

Ai! Deus! o que vae no mundo!
O teu methodo é historia,
E eu bem sei em que me fundo;

Pois vejo com dó profundo,
Que faz falta a palmatoria!
E que os rapazes perdidos
Ao mestre não dão envidos!!

As letras patrias, poeta!
Devem-te muito, bem sei;
Na fórma bella e correcta
Entre todos dás a lei:
Dás á lingua portugueza
Todo o realce e belleza,
Que ella em si propria contém;
Es monarcha da harmonia,
Como artista de poesia
Não tens rival em ninguem.

Porém o fogo do estro,
Que aos vates o peito inflamma,
Tem ás vezes o máu sestro
De fazer fumo sem chamma.
Em fórmas metricas dextro
Rico em primor de linguagem,
Falta-te ás vezes a aragem
Da sublime inspiração;
Es frio no sentimento...
E suppres c'o fingimento,
A falta do coração...

Esta é que é toda a verdade!
(Que a verdade é o meu vicio)
Es poeta d'artificio,
Não tens or'ginalidade,
Mas primas em correccão!

Do estylo és no immenso brilho,
Castilho-rei, rei-Castilho
—P'ra fazer um trocadilho
À moda do Mendes Leal—
Primoroso em descripções,
Sobre tudo nas versões
Não tens no mundo rival.

Mas ponhamos o reverso
Da medalha á luz do dia!

Se és decerto o rei do verso,
 Não és o rei da poesia!
 És sublime... só nas fórmulas,
 Por isso vê se reformas
 A tua musa gentil;
 Ou se a mandas p'ra vel'ranos,
 Que não vem debalde os annos...
 É é passado o teu abril.

Podes em versos divinos
 Verter os vates latinos,
 Ou ensinar os meninos,
 Ou escutar a cigarra
 Do Tibur entre as olaías
 A palestrares c'os teus;
 Mas a terreiro não saias,
 Em poetica algazarra,
 Com coisa da tua lavra,
 Por que acredita, palavra!
 Que, falta de infantil viço,
 A musa outr'ora traquinas
 Não 'stá já hoje p'ra isso:
 E entre as estrophes divinas
 Tens coisas tão pequeninas!
 Que é mesmo um louvar a Deus!

IV

Da litt'ratura moderna,
 — Que tem, no elogio mutuo
 Uma especie de intitulo
 Como o da maçonaria, —
 Empunhaste o grão malhele,
 E ninguém te foi á mão!

E dalouvaminha eterna,
 Que a gloria a todos promette
 Em reciproco tributo,
 Arremalaste a quantia
 Que os outros todos te dão.

O Anthero então cae-te á perna,
 Brada contra a corrupção,

Que do teu nome hoje em dia
Faz uma chancelaria!

Isto é verdade! que o diga
O *D. Jaime* e a *Mocidade!!*
Em pouca sinceridade
Ai! Deus! o que vae alli!
A lealdade das censuras
Fazes então uma figa,
Vaes mordendo em phrase amiga,
E no entretanto procuras
Fallar sómente de ti!...

Para ter valor corrente
No mercado litterario
Pões um escripto na frente
Do poema do Thomaz,
E, p'ra mostrar gosto vario,
No do Chagas põel-o atraz,
À moda de rabo-leve
Pregado por um rapaz!...
C'o teu carimbo assim deve
Passar á post'ridade
O *D. Jaime* e a *Mocidade...*
E tu... agarrado a elles,
Que é, posto que o não reveles,
Teu intento pertinaz!!!!....

O Quental então protesta
Contra a guerra, que lhe fazes
E diz que p'ra ti é festa
O enterrar os rapazes!

Depois contra ti assesta
Os tiros do seu furor;
Começa em phrase modesta
E acaba por descompor!

Mas não te mostres sentido,
Que não tens que te queixar,
Pois tu tambem tens mordido
A Camões no calcanhar!
E entre os tres nomes, no brilho
Reinam estas proporções:
Anthero está p'ra Castilho,

Como este está p'ra Camões!
 E tu não fiques extático
 Isto é fiel... mathematico!...

O Braga foi mais ávante
 Na censura que te fez,
 E diz-nos com tom pedante
 Que o teu merito é ser cego!
 Isto então é de gallego,
 É um insulto revoltante,
 Para o Milton portuguez!

Do Elmano, d'esse nem fallo,
 Deu patada de cavallo,
 Metteu os pés pelas mãos,
 Citou Romulo e mais Christo
 O Saldanha... e tudo isto...
 P'ro negarem seus irmãos!!...

V

Castilho! todo o respeito,
 Que tributo ao teu saber
 A verdade rende preito,
 Não quer lisonjas... não quer.
 Eu humilde, eu obscuro,
 Se elogio... ou se censuro
 É sempre de boa fé...
 Venero com lealdade
 Teu saber, trabalho, idade,
 Mas admiro a vaidade
 Com que tu te ergues de pé!

Orgulho feroz insano,
 Que com modestia se adorna,
 Porém que a jorros se enlorna
 No peito de muita gente...
 Tu mostrando-te indulgente,
 Generoso, complacente...
 Como o Alexandre Herculano,
 —Que inda é mais fero que tu—

O revela bem á farta
 N'essa miserrima carta
 Acêrca do casamento,
 Em que mostra, sem respeito
 A falta do sentimento
 Do amor da patria, no peito
 Selvagem, agreste e nú!

Voltemos ao nosso assumpto,
 E desculpa a digressão
 Em que ao compadre te junto!

Re-ato o fio á oração.

És orgulhoso e és ingrato,
 Como é todo o litterato,
 Chegando a certas alturas!
 Se acaso as provas procuras...
 Na questão que se debate
 Escuta que ellas ahí vão:

Um dia vens a terreiro
 P'ra dizer ao Gazeteiro:
 «N'este insolito combate,
 Eu encontro-me sósinho,
 Como o José Agostinho
 N'outros tempos que lá vão...»
 Nem reparaste, nem viste,
 Ingrato, altivo Castilho!
 Armados de lança em riste
 Em torno á tua bandeira
 Chagas, Roussado, e Teixeira,
 Nem até teu proprio filho! !...

Oh! Chagas, poeta ameno
 Vem cá! que te não depeno;
 Pois gosto muito de ti!
 Vieste ao campo o primeiro
 Defender o teu ceguinho,
 Que com astuto carinho
 Se fizera pregoeiro
 Do teu poema... e de si!

Para fallar-te a verdade
 No *Poema da Mocidade*,
 Tão rico de inspiração,
 Ha coisas de que eu não gosto,
 Mas não ha formoso rosto
 Que não tenha o seu senão!
 Avante! segue o teu trilho!
 Não precisas do Castilho
 Para o teu nome ter brilho
 Nas espheras do porvir!...
 Quando lhe ouvires zumbaias
 A sombra das taes olaias
 Meu amigo!... põe-te a rir!

Tu Roussado, rei do chiste,
 Por que razão le saiste
 Desairoso d'esta vez?...
 A musa vingue o teu nome,
 Os seus alentos retome,
 Volte á arena; e então... ai! d'elles!
 Quando outra vez le reveles
 Tão chistoso, como és!

Teixeira de Vasconcellos
 Vens com impetos de Ajax!
 Os teus remedios são bellos
 Quando a todos bradas *Pax*!
 A questão, que vae renhida,
 Esta palavra resolve-a...
 Reina a ordem em Varsovia
 De maneira mui par'cida
 Da que tem o alvitre teu:
 Castilho aos cornos da lua,
 Em quanto vão os contrarios
 A bordo da tal falua,
 A mercê de ventos varios,
 Eu não sei bem se á tabúa
 Se pr'os portos do Pireu!...

Vem ó Julio de Castilho!
 Vem mostrar de quem és filho
 Na pieguice de escrever!

Aquella lista de nomes
 Em que tres laudas consumes
 É coisa muito de ver!...
 A mal meu dito não tomes...
 Mas mostras bem ser *Nini*
 Nas coisas tão pequenitas
 Com que o sabio pae imitas,
 E de que a gente se ri.

Ó Ruy de Porto-carrero!
 Teu nome insigne venero,
 Mas ainda te não li,
 E repetir-te não quero
 O que a teu respeito ouvi;
 Por isso tem paciencia!
 Mas, brada-me a consciencia
 Que me fique por aqui!!...

VI

Ataco a questão de roslo.

Nem bom-senso nem bom-gosto
 Encontro no que é escripto
 Acerca d'esta questão.

O ideal... o infinito...
 Que na poesia se exprime,
 É o singelo e sublime,
 Que nasce da inspiração:
 É não retalho esquisito,
 Apontado n'um mytho
 Entre muito palavrão!
 Mas o singelo, que disse,
 Não é também a pieguice
 Em que tudo fica anão!

Entre os extremos que aponto,
 Se co' a razão me aconselho
 Quando os contrarios confronto,
 Esta differença se faz:
 É que o Braga é rapaz velho,
 Castilho um velho rapaz!...

Os velhos, grandes outr'ora
 Dão-nos por fim o refugo.
 Como faz o Victor-Hugo...
 Como o Castilho não faz.

Mas na escola de Coimbra
 Que de juventude timbra,
 Vem vindo o refugo agora
 Pr'o bom vir talvez atraz !
 Se vier!

Em fim eu penso
 Que se não mostrou bom senso,
 Em ir atacad-a assim!
 Foi dar-lhe renome e alento,
 Quando o eterno esquecimento
 A mataria por fim!

Não causa a hydra receio
 E abandonada a si mesma,
 Ou morreria qual lesma,
 Nos lameiros do ideal:
 Ou—dissipando-se em fumo
 Saído do proprio seio,
 Esse denso nevoeiro—
 Tomaria novo rumo
 O talento verdadeiro
 Do Theophilo e Quental!

O singelo sem pieguice,
 O suave, o natural,
 Sem estylo retorcido,
 Nem guindado em garridice,
 Ou no abstracto perdido,
 Transcendente na tolice
 É que é o bello ideal!...
 Não 'stá nas *Odes Modernas*,
 Não 'stá nas *Conversações*,
 Mas nas poesias eternas
 De *D. Branca* e *Camões*!
 Esse sim! que é só illustre
 Entre as escolas contrarias,
 Que entre si levantam pó!

Se é facto immenso o seu lustre
 Os outros são... luminarias,
 Genio é só elle... elle só!
 E em termos bem chãos exprime
 Sem pieguice o que é sublime!
 Não faz do bom-senso um crime,
 Ergue ao bom-gosto um altar!
 Tem aromas, tem fragancia,
 E na singela elegancia
 Ninguém o soube egualar.

VII

Ceguei da tarefa ao cabo.

Não empunhei o thuribulo
 Da louvaminha e do gabo
 Para os grandes incensar...
 Nem levantei um patibulo...
 Para vir co' atrevimento
 O saber e o talento
 Acremente verberar.

Se ha papado litterario,
 E em torno ao pontificado
 Ha bispos e cardeaes...
 Conegos... com seu deão...
 E não sei até que mais,
 Entre tanto cargo vario...
 Ail pobre de mim, coitado!
 Que não sou no sanctuario
 Nem ao menos sacristão!

Mas, obscuro... não me esconde
 Atraz de anonymo veu...
 E se o nome se procura,
 D'aquelle que isto escreveu,
 Co' a *Barcarola*, respondo,
 Junto á minha assignatura:
 Ail sou eu!... sou eu! sou eu!

AMARO MENDES GAVETA
 (*Litterataço e poeta!*)

PREÇO 400 RÉIS

VENDE-SE NAS LOJAS DO COSTUME